

**Banco do
Nordeste**



O nosso negócio é o desenvolvimento

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS
ECONÔMICOS DO NORDESTE
ETENE

Informe Rural ETENE

CONSIDERAÇÕES SOBRE A
COTONICULTURA NO CERRADO
NORDESTINO:
PRODUÇÃO E MERCADOS

Ano 3 – 2009 – No. 5

**Banco do
Nordeste**



O nosso negócio é o desenvolvimento

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE – ETENE

Superintendente

José Sydrião de Alencar Júnior

Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação-AEPA

Gerente: Biágio de Oliveira Mendes Junior

Célula de Estudos Rurais e Agroindustriais–COERG

Gerente: Airton Saboya Valente Júnior

Informe Rural ETENE

Coordenador: Airton Saboya Valente Junior

Informe Rural: Considerações sobre a cotonicultura no cerrado nordestino: produção e mercados

Autor: Jackson Dantas Coêlho

Bolsista de Nível Superior

Antônio Rodrigo Felix dos Santos

1. Breve histórico e situação atual da produção de algodão

O Brasil é o quinto maior produtor mundial de algodão, depois de China, Estados Unidos, Índia e Paquistão; o sexto maior consumidor, depois de China, Índia, Paquistão, Turquia e Estados Unidos; e o quarto maior exportador da fibra, depois de Estados Unidos, Uzbequistão e Índia, segundo dados da última safra colhida, a de 2007/08. Para a safra atual a previsão é de crescimento irrisório (0,3%) (CONAB, 2009).

O desempenho da cotonicultura mundial também tem sido influenciado pela utilização de variedades transgênicas nos quatro maiores produtores, o que possibilitou a redução com os custos da cultura. No caso específico dos Estados Unidos, há ainda os subsídios repassados a seus cotonicultores, sem o que eles não conseguiriam competitividade no cenário internacional.

O momento atual da cotonicultura brasileira está longe da realidade do final da década de 1980 e início da de 1990, período em que a atividade esteve mergulhada em grande crise, devido principalmente à praga do bicudo do algodão e à política de abertura de importações, que propiciou a compra de fibra estrangeira de qualidade superior e preços mais atraentes que a do mercado nacional. Além disso, o baixo nível tecnológico empregado nessa atividade e a reduzida produtividade não mais se adequavam à nova economia globalizada (FERREIRA et al, 2005). Houve consequente redução da área cultivada, aumento expressivo das importações (o país chegou a ser o segundo maior importador do mundo na safra 1996/97), redução de empregos nas lavouras e fechamento de pequenas e médias indústrias têxteis.

No entanto, a atividade começou a recuperar-se no final da década de 1990 e início da de 2000: o avanço da pesquisa oficial e o surgimento de uma nova geração de produtores com perfil mais empresarial possibilitaram a mudança do eixo de produção do algodão do Sudeste para o Centro-Oeste, em busca de uma cultura rentável que sucedesse a soja e de terras mais baratas e de maior extensão, que tivessem condições edafoclimáticas igualmente favoráveis. A cotonicultura nacional passou a ser mais intensiva em tecnologia, exigindo maiores investimentos em capital e mão-de-obra qualificada. A expansão desta fronteira agrícola chegou também ao Nordeste, primeiramente na Bahia, e depois no Maranhão e Piauí. O conjunto destes fatores permitiu que a produtividade, que na década de 1970 não passava de 900 kg/ha de algodão em caroço, saltasse para mais de 3.100 kg/ha no ano safra 2003/04 (FERREIRA et al, 2005). E que se chegasse, por duas vezes consecutivas, a um recorde na produção de algodão, nas safras 2006/07 e 2007/08 (Tabela 1), em razão principalmente do aumento de produtividade.

No Brasil, quinze dos vinte e sete estados produzem algodão. Desde o ano-safra 1997/98, o maior produtor é o Mato Grosso, tanto para algodão em pluma quanto em caroço. A Bahia é o segundo maior, tendo ultrapassado o Goiás no ano-safra 2003/04. Outros produtores importantes são, pela ordem de produção, Goiás, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais. Maranhão e Piauí deverão superar São Paulo nesta safra, somando 2,3% da produção nacional, passando a figurar entre os sete maiores produtores brasileiros. A Tabela 1 destaca o histórico da produção nacional de algodão entre os maiores produtores brasileiros, nesta década.

Tabela 1 – Produção de algodão em pluma – maiores produtores nacionais (em mil toneladas).

REGIÃO/UF	2000/01	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08 (1) Previsão	2008/09 (2) Previsão
M. Grosso	533,9	391,3	412,6	613,3	582,3	503,3	783,2	830,4	581,4
Bahia	61,4	68,1	113,9	265,4	317,1	302,5	452,1	495,5	447,6
Goiás	111,3	101,4	114,2	169,2	159,7	72,7	105,9	106,0	83,7
M.Grosso Sul	66,5	62,4	62,4	74,0	68,8	41,0	69,0	68,6	58,9
M.Gerais	29,4	30,7	32,1	47,8	53,0	32,5	37,8	29,7	21,7
Maranhão	2,9	3,1	4,3	8,3	8,1	7,8	10,5	17,8	16,2
Piauí	0,8	1,0	1,5	3,2	3,3	14,0	9,0	17,8	12,6
São Paulo	60,0	58,1	61,5	69,5	59,1	39,4	36,1	21,1	9,8
Paraná	58,2	31,0	24,5	32,5	27,7	10,6	10,3	6,4	5,5
Brasil	938,8	766,2	847,5	1.309,4	1.298,7	1.037,9	1.524,0	1.602,2	1.246,3

Fonte: CONAB (2009).

(1) Dados preliminares, sujeitos a mudanças;

(2) Dados estimados, referentes à média dos limites inferior e superior, também sujeitos a mudanças.

A história do algodão no cerrado nordestino é relativamente recente: a primeira grande investida dos produtores nesta cultura ocorreu na safra 1997/98, embora esta fronteira agrícola tivesse sido aberta no início da década de 1980, para plantio da soja. Até 2006, no Piauí e Maranhão, o algodão era cultivado em caráter experimental na maioria das fazendas, estando entre a segunda e quarta safras, mais como uma alternativa de rotação com a soja, e as tecnologias ainda não estavam totalmente definidas. No Piauí, apenas 11% da área plantada era de cerrado, na safra 2003/04, respondendo por 55% da produção do Estado. No entanto, a produtividade do cerrado piauiense já naquela época era tão grande quanto a de áreas baianas e matogrossenses (VIDAL E CARNEIRO, 2006). Para a safra atual, segundo depoimento de um grande produtor piauiense, é esperada uma produtividade de 3.600 kg/ha de algodão em rama (pluma e caroço).

Considerando a produtividade total de algodão em pluma (para os estados nordestinos, nos cerrados e outras áreas), destaca-se a acentuada evolução da produtividade total de Maranhão e Piauí, principalmente após o ano safra 2000/01, desbancando, no final desta década, áreas produtoras tradicionais como São Paulo e Paraná. Cabe frisar também a alta produtividade baiana, em torno de 1.500 kg/ha nos últimos três anos, que a partir de 2006/07 supera a do maior produtor nacional, o Mato Grosso. A expansão da cotonicultura nos cerrados tem sido alavancada por aumentos de produtividade, sendo a atividade praticada em bases empresariais.

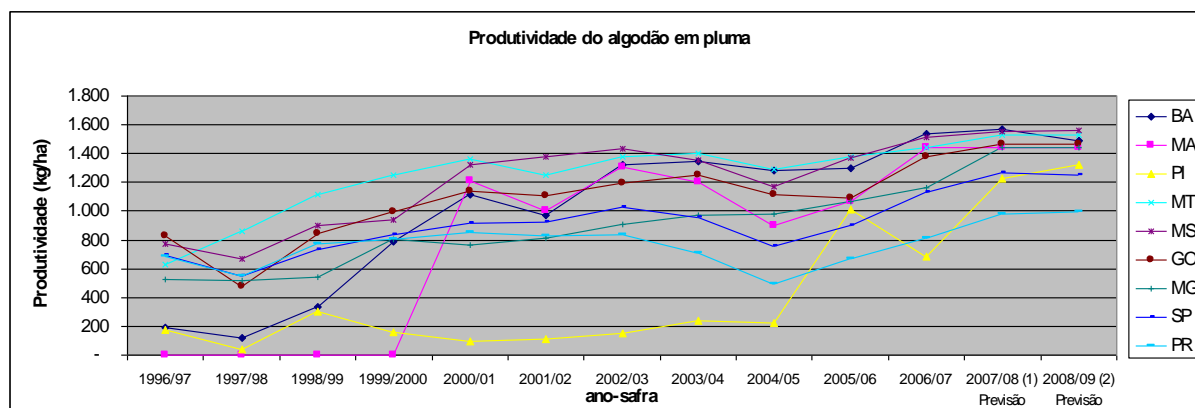


Gráfico 1 – Evolução da produtividade do algodão em pluma entre os maiores produtores nacionais

Elaboração do autor, a partir de dados de CONAB (2009).

Em termos de área, o único produtor nordestino com destaque é a Bahia. Maranhão e Piauí ainda têm representação pequena: para a atual safra, a previsão de área para estes estados, somados, é de apenas 2,5% em relação à previsão de área total. Entre os principais produtores nacionais nota-se que a tendência é de queda da área plantada para esta safra, em proporção próxima à da produção. Para o Brasil, a previsão da CONAB é de queda de 21%, em razão da concorrência com culturas mais rentáveis, que têm custo mais baixo que o do algodão, e em função da crise econômica mundial; a Bahia é o estado em que esta queda será menor (5%), caso se confirme a previsão. Mas vale ressaltar que, na safra passada (2007/08), a região Nordeste foi a única em que houve aumento de área plantada (8,5%) (CONAB, 2009).

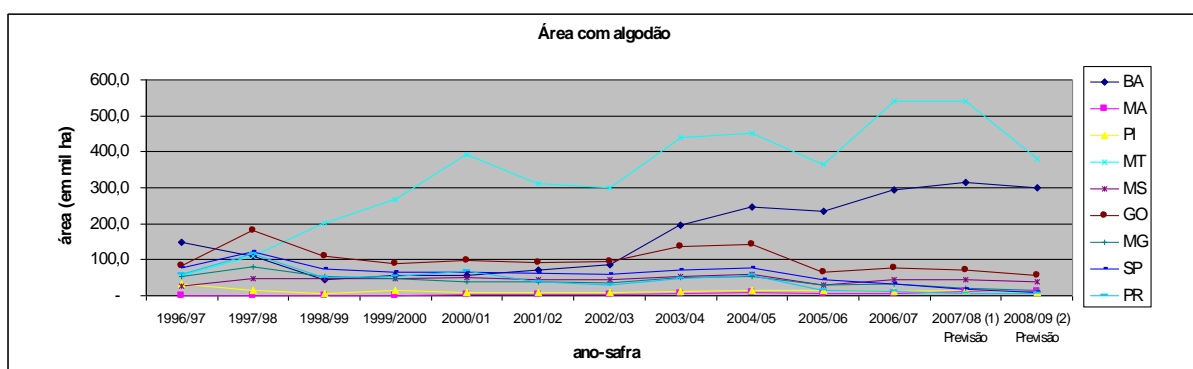


Gráfico 2 – Evolução da área plantada com algodão em pluma entre os maiores produtores nacionais
Elaboração do autor, a partir de dados de CONAB (2009).

No caso maranhense e piauiense, as áreas voltam-se preferencialmente para a produção de soja, cujo custo de produção por hectare é mais baixo. Mas, segundo apurou-se em visita a alguns clientes do BNB no Piauí, em abril deste ano, a atitude é de cautela, apesar dos bons resultados alcançados na última safra. Apenas um produtor, cuja área plantada com algodão ainda era pequena, decidiu aumentar a área plantada com a cultura. Mas, de um modo geral, a impressão que se tem é que a crise econômica mundial ainda não afetou seriamente os negócios dos grandes agricultores piauienses, devido ao *mix* de negócios que mantêm.

A Bahia também tem vantagens comparativas sobre outros grandes produtores nacionais, pois tem posição geográfica favorável, portos exportadores e proximidade de grandes unidades de fiação, tecelagem e confecções, localizadas no Sudeste, o que implica custos menores de escoamento da produção e maior lucratividade para os produtores (VIDAL E CARNEIRO, 2006). Além disso, as chuvas caem em menor quantidade que no Centro-Oeste, e em volume ideal para a cultura, que é mais antiga que no Maranhão e Piauí, fazendo com que seus produtores possuam maior experiência e conhecimento do mercado.

2. Mercado

Sendo uma *commodity*, o mercado do algodão pode ser considerado como de concorrência perfeita, já que o produto é homogêneo, comercializado por um grande número de firmas e as barreiras à entrada no mercado são fracas, apesar do alto investimento envolvido no desenvolvimento da atividade, que exige maquinário específico, tem custo de produção, de logística de suprimentos e de distribuição altos (VIDAL E

CARNEIRO, 2006). O custo logístico está presente principalmente nas estradas, que no caso do cerrado piauiense ainda têm grande quilometragem não asfaltada, onerando o frete e o seguro das cargas.

Na qualidade de *commodity*, o algodão tem preços de comercialização atrelados às variações de cotação no mercado internacional. Conforme gráfico a seguir, os preços oscilam sazonalmente, tendo picos no período de fevereiro a abril (época de entressafra da cultura), onde o preço mais alto foi registrado em fevereiro de 2007 (média de R\$ 48,08) e o mais baixo foi o de novembro de 2005 (R\$ 34,95). A tendência atual é de baixa, em virtude dos estoques mundiais ainda elevados, da redução de área plantada e da expectativa de obtenção de melhores preços com outras culturas, como a da soja. Ainda assim, notícias recentes dão conta de que os contratos futuros do algodão subiram para o maior nível em seis meses, diante dos sinais de que as exportações norte-americanas atingirão a expectativa governamental, que foi aumentada no início de abril, de acordo com o USDA. Na primeira quinzena de abril, as exportações dos EUA atingiram 272.425 fardos, e os preços subiram 33%, desde a maior baixa em seis meses, ocorrida em novembro passado. Os contratos para entrega em julho, na Bolsa de Futuros de Nova Iorque, valorizaram 2,6%, para 52,11 centavos de dólar por libra. Na semana, a alta acumulada é de 2,8% (Jornal do Commercio, 2009).

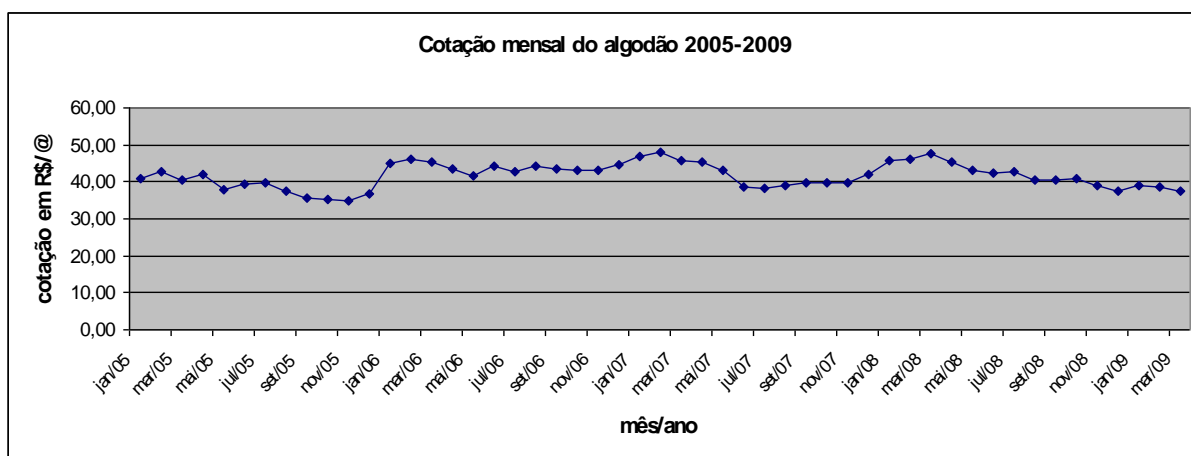


Gráfico 3 – Evolução mensal dos preços, em reais, da arroba de algodão no Brasil, período 2005-2009

Elaboração do autor, a partir de dados de CEPEA-ESALQ (2009).

No Brasil, durante a última década, a oferta superou a demanda por algodão, com o crescimento de ambas nos sete últimos anos, conforme se vê no Gráfico 4. A diferença situou-se, nos dois últimos anos-safra, em torno de 570 mil toneladas métricas, com a relação estoque/consumo passando de 38 para 45% da safra 2006/07 para a de 2007/08, o que favorece a queda dos preços nacionais (Agriannual, 2009).

Em termos mundiais, segundo dados de consultorias internacionais, o consumo mundial de algodão deve cair de 26,3 milhões de toneladas na safra 2007/08 para 23,8 milhões na safra 2008/09. Esta deve ser a maior queda no consumo de algodão desde a Segunda Guerra Mundial, segundo opinião do presidente da Abrapa, Haroldo Cunha (Agência Brasil, 2009).

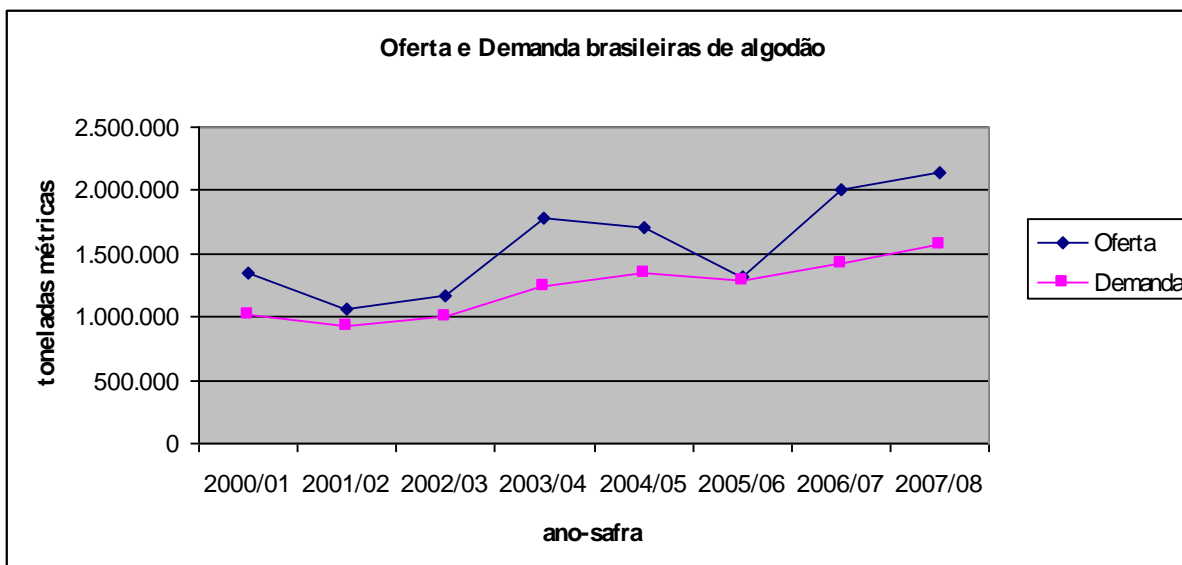


Gráfico 4 – Evolução da oferta e demanda de algodão brasileiras nesta década

Elaboração do autor, a partir de dados de Agriannual (2009).

Os componentes importantes da oferta (a importação) e da demanda (a exportação), estão detalhados a seguir, demonstrando o aumento ocorrido nas exportações na última década em comparação às importações, que têm variado de modo cíclico. O panorama é muito diferente do da década de 1990, quando o Brasil chegou a ser o segundo maior importador mundial de algodão. Nesta década, as exportações sempre superaram as importações de algodão, com a maior diferença (460 mil toneladas) sendo registrada no último ano-safra para o qual se tem informações disponíveis. Contribuiu para este resultado a eficiência produtiva dos cotonicultores brasileiros e o câmbio, que, se nem sempre foi favorável às exportações, por registrar períodos de baixa (como os ocorridos em 2006 e 2007), também não estimulou importações em larga escala, pela falta de medidas de incentivo a esta, o que ajudou a manter um balanço comercial favorável e significativo.

Na safra de 2007/08, alguns fatores prejudicaram as exportações, como certa demora no andamento da safra e as greves e operações-padrão realizadas pelos fiscais agropecuários do governo federal, que dificultaram o embarque do produto. Ainda assim, os números da Secretaria de Comércio Exterior apontam aumento de 38% no volume e de 50% no valor exportado em fibra de algodão. O último ano em que o país fechou o balanço com saldo negativo foi 2000. Atualmente, o Brasil exporta algodão para quarenta países, e os maiores importadores deste produto são Indonésia, Paquistão e Coréia do Sul (Abrapa, 2008).

Mesmo com todos os problemas, doze anos após ser o segundo maior importador mundial de algodão, o país chegou a um recorde nas exportações, balanço que não deverá ser mantido para a atual safra, com a redução da área plantada e da produção. Segundo informação do presidente da Abrapa, Haroldo Cunha, a partir de novembro de 2008, as exportações reduziram-se, reflexo da crise mundial que afeta a economia. Os produtores não têm pressa em comercializar sua produção, porque ainda não sabem o que pode acontecer com o mercado, instável no momento (Agência Brasil, 2009).

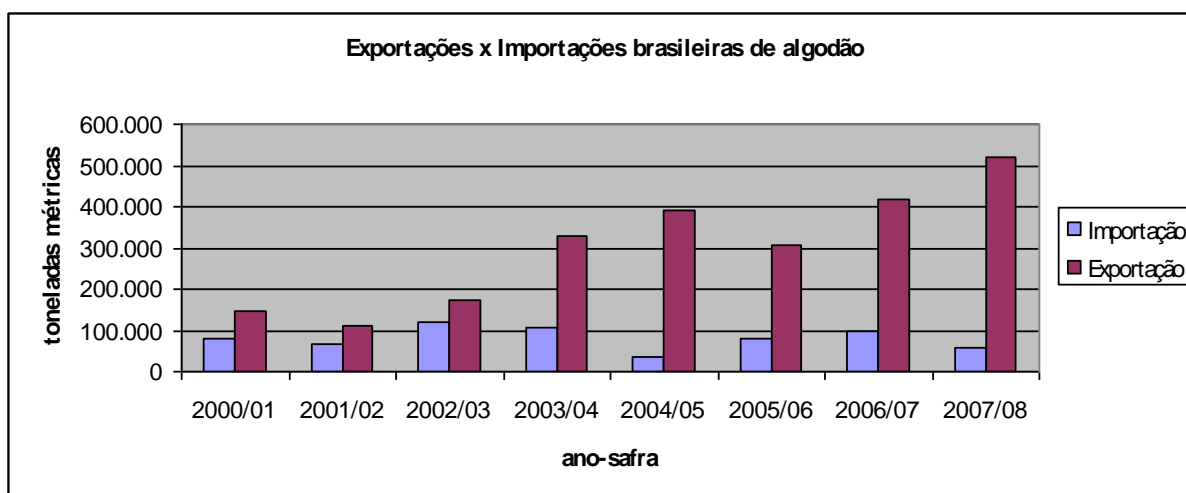


Gráfico 5 – Evolução da exportação e importação de algodão brasileiras nesta década

Elaboração do autor, a partir de dados de Agriannual (2009).

Em termos de perspectivas, os produtores parecem cautelosos em relação à crise econômica internacional, que também afeta as *commodities*. Os altos custos de produção fizeram com que alguns produtores substituíssem parte da área plantada com algodão em favor de outras culturas rentáveis e de custo mais baixo, como a de soja, o que se constitui num paradoxo para a atual safra, já que as cotações do algodão no mercado internacional estão acima da média histórica, pelo menos para o mercado futuro.

3. Desafios para o Setor

Apesar de todos os avanços realizados pela cotonicultura brasileira atuante nos cerrados, que a colocaram no patamar atual de atividade lucrativa e intensiva em capital e tecnologia, persistem alguns problemas de décadas passadas, como o de infraestrutura logística: a produção tem que ser escoada por rodovias, que no caso particular do cerrado piauiense, ainda são precárias, boa parte de quilometragem delas sem asfalto, esburacadas, o que aumenta o tempo de transporte e potencializa riscos de acidentes (ouveu-se muitos relatos de carretas tombadas) e de roubo de cargas. Ainda no Piauí, outro obstáculo à cotonicultura é o clima, com ocorrência de veranicos em algumas safras. Em 2008, as chuvas foram mais bem distribuídas, mas nem sempre isto ocorre. A questão da legalização da terra, junto ao governo estadual, é outra pendência: apesar de, em 2005, haver sido aprovada uma lei autorizando a venda dos terrenos por preços abaixo do mercado a quem já produzia neles, nem todos os agricultores aceitaram a proposta e o governo estadual acionou alguns na Justiça (Portal G1, 2009). Os produtores ouvidos também afirmaram que somente agora o fornecimento de energia elétrica começou a se normalizar, com a construção de uma subestação de energia em Uruçuí.

Outro problema são os pesados subsídios que os Estados Unidos concedem aos seus cotonicultores: o Brasil tem questionado a legalidade desta ação na Organização Mundial do Comércio, ao longo da década de 2000, e conseguiu algumas vitórias no julgamento da questão, apesar dos EUA nunca terem mudado concretamente de atitude: em junho de 2008, a OMC condenou, em última instância, os subsídios norte-americanos e solicitou sua retirada, abrindo também a possibilidade do Brasil retaliar o governo norte-americano, suspendendo direitos de patentes e cancelando a importação de alguns produtos. Tais subsídios

bilionários (cerca de US\$ 12 bilhões, desde 1999) distorcem os preços internacionais do algodão, baixando-os, e debilitam a competitividade dos concorrentes (O POVO, 2009).

O alto custo da cultura do algodão poderia ser reduzido, na opinião de grandes cotonicultores, com a liberação do plantio de sementes transgênicas: mas este processo ainda suscita muita resistência da sociedade em geral, e encontra também barreiras de comercialização na Europa, onde alguns compradores são contra a utilização de organismos geneticamente modificados. Segundo informações da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa), entre 2000 e 2007, o Brasil deixou de ganhar US\$ 2 bilhões devido à lentidão com que o assunto foi tratado na Comissão Técnica Nacional de Biotecnologia (CTNBio). Na opinião deles, as discussões muitas vezes foram caracterizadas por questões ideológicas e não técnicas, que barraram a utilização do algodão Bollgard (Bt), da Monsanto, em 2002, só autorizando o plantio em 2007, bem como atrasaram a liberação do plantio do algodão Roundup Ready (RR), cuja aprovação é esperada desde 1998.

A discussão sobre eventuais efeitos positivos da liberação do plantio dos transgênicos provavelmente ainda perdurará pela próxima década, haja vista a ausência de resultados de pesquisas condenando ou aprovando sua utilização, já que ainda não houve tempo hábil para verificar os efeitos resultantes do consumo de fibras transgênicas por seres humanos. Os produtores da região visitada no Piauí ainda não utilizaram sementes transgênicas para o algodão. Tendo em vista que a experiência com a soja não revelou grandes vantagens na utilização de sementes geneticamente modificadas, e que a cotonicultura apresenta custos mais altos, eles preferiram utilizar as cultivares tradicionais. Vale ressaltar que essa decisão parece mais balizada nos custos (as experiências com a soja trouxeram resultados aquém dos esperados, na opinião dos produtores teriam que ser muito melhores para compensar a adoção de transgênicos) que na questão ambiental.

Na opinião de especialistas, existe também o risco de poluição genética para o plantio tradicional e a possibilidade da eficiência da toxina existente no algodão Bt, para protegê-lo do ataque de lagartas, declinar com o avanço do ciclo da cultura (VIDAL E CARNEIRO, 2006). Atualmente, somente este transgênico está liberado para ser usado no Brasil. A Abrapa estima que teriam sido cultivados 250 mil hectares com algodão transgênico no Brasil na safra 2007/08. E mais quatro eventos de materiais transgênicos aguardam análise por parte da CTNBio (Abrapa, 2008).

O preço dos insumos, em particular fertilizantes e defensivos agrícolas, foram apontados pelos produtores visitados no cerrado piauiense como uma grande dificuldade para o aumento da produção brasileira de algodão. Alguns mencionaram o grande aumento de preços destes itens, em percentuais que variaram de 30% a 50% em um ano, o que impacta sobremaneira os custos por hectare.

Este argumento é confirmado pela Associação Nacional dos Exportadores de Algodão (Anea), cujo presidente defende que retornos mais positivos à cadeia deverão vir ou de preços mais altos, cujas cotações dependem do mercado internacional, ou de custos menores, principalmente pela adoção de transgênicos e melhoria na logística. Exemplificando o quão séria é a questão da logística, o custo para transportar o algodão de regiões produtoras aos portos de Santos (SP) e de Paranaguá (PR) é muito mais alto que o desses portos para Indonésia, Paquistão e China (Abrapa, 2008).

Outro problema enfrentado pelo setor é a concorrência com as fibras sintéticas, que vêm aumentando sua participação relativa no consumo total de fibras e têm cotações mais previsíveis que a do algodão, que possui

grande instabilidade de preços (VIDAL E CARNEIRO, 2006). A atual tendência de baixa nos preços do petróleo estimula preços mais competitivos para as fibras sintéticas, constituindo-se em ameaça à cotonicultura. Alguns estudiosos prevêem que, neste mesmo ritmo, o consumo de fibras sintéticas deverá igualar o de fibras naturais em poucos anos.

4. Considerações Finais

A cotonicultura é uma atividade que tende a apresentar custos elevados, além de demandar investimentos em itens específicos. Em um cenário adverso, perde competitividade ante outras culturas mais rentáveis e de menor custo por hectare. Verificou-se que os produtores visitados no cerrado piauiense, cientes disso, não se dedicam apenas à cotonicultura. A tendência de preços do algodão, para esta safra, é de baixa (embora os preços para entrega nos mercados futuros estejam em alta), o que levará à redução de área e de produção, diminuindo as exportações e também podendo afetar, em menor escala, a produtividade, que é tão alta quanto às das regiões produtoras do Centro Oeste. É importante que esta seja mantida para possibilitar novo crescimento da produção, quando as condições melhorarem.

A substituição de áreas pode ser um fator positivo, em longo prazo. Uma menor produção poderá trazer maior utilização dos estoques, ainda altos, e quando estes chegarem a um nível mais baixo, elevarem o preço, estimulando novo aumento na produção. Pelo menos alguns mercados futuros internacionais já apontam uma pequena recuperação no preço, o que pode ser um sinal positivo para a cotonicultura nacional.

No entanto, para futuros aumentos de produção, faz-se necessária a resolução de alguns problemas que prejudicam a atividade continuamente, como os de logística: a melhoria das condições das estradas e dos portos é um ponto fundamental, no qual os empresários dizem ter havido pouco avanço. No Piauí, um dos produtores entrevistados é quem faz a manutenção da estrada que passa por sua fazenda. Mas o governo estadual também tem realizado obras de asfaltamento de rodovias em outras localidades próximas, conforme foi visto em campo.

A redução de custos tem sido buscada pelos produtores. Uma alternativa pode se constituir no plantio adensado, que permite o cultivo de maior número de algodoeiros em um menor espaço, diminuindo a área por planta, solução que está sendo testada em algumas regiões do país (Agência Brasil, 2009).

Há também uma grande expectativa do setor em relação ao desfecho do litígio com os Estados Unidos na questão dos subsídios concedidos aos seus cotonicultores: a Organização Mundial do Comércio (OMC) tem até 30/04/2009 para decidir sobre a modalidade e o valor da punição a ser imposta aos norte-americanos. Enquanto o governo brasileiro pede US\$ 2,6 bilhões pelos danos causados à cotonicultura brasileira, os cálculos da Abrapa (que depois de mais de cinco anos de querela jurídica gastou US\$ 3,5 milhões com advogados e outros especialistas) estimam um valor de US\$ 30 milhões mensais até que sejam implementadas as determinações da OMC. O presidente da Abrapa opina que se o valor arbitrado for irrisório, a OMC poderá cair em descrédito (Agência Brasil, 2009). A questão é complexa e envolve não só aspectos econômicos e técnicos, mas também políticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agência Brasil. Exportações de algodão bateram recorde em 2008, mas produção cairá este ano. Disponível em: <http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2009/03/12/materia.2009-03-12.3074342685/view>. Acesso em 25.04.2009.
- Agriannual 2009**. Anuário da Agricultura Brasileira. São Paulo: Instituto FNP, out. 2008.
- Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa). Anuário Brasileiro do Algodão. Santa Cruz do Sul-RS: Editora Gazeta Santa Cruz, 2008.
- Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA)/Escola Superior Agrícola Luís de Queiroz(ESALQ). **Série de preços do algodão em reais (desde 28/06/1996)**. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/algodao>. Acesso em 20.04.2009.
- Companhia Nacional de Abastecimento. **Acompanhamento da safra brasileira de grãos 2008/09**. Quinto levantamento. Brasília: CONAB, fev. 2009. Disponível em: http://www.conab.gov.br/conabweb/download/safra/5graos_08.09.pdf. Acesso em 20.04.2009.
- Companhia Nacional de Abastecimento. **Acompanhamento da safra brasileira de grãos 2008/09**. Sétimo levantamento. Brasília: CONAB, abr. 2009. Disponível em: http://www.conab.gov.br/conabweb/download/safra/7graos_08.09.pdf. Acesso em 20.04.2009.
- FERREIRA, G.B.; KOURI, J.; FERREIRA, M.M.M. **O Estado atual do agronegócio do algodão no Brasil: histórico, situação atual e perspectiva de expansão, especialmente no Nordeste**. Campina Grande-PB: Embrapa Algodão, 2005.
- Jornal do Commercio. **Algodão atinge maior preço em seis meses**. Caderno Mercados. 24.04.2009. Disponível em: http://www.linearclipping.com.br/conab/m_stca_detalhe_noticia.asp?cd_sistema=26&cd_noticia=706240. Acesso em 28.04.2009.
- O POVO *on line*. **Brasil vence disputa contra subsídios ao algodão nos EUA**. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/negocios/793529.html>. Acesso em: 04.04.2009.
- Portal G1. **Terras do Piauí estão em processo de legalização, dizem agricultores**. Disponível em: http://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/0,,MUL402763-9356,00.html. Acesso em 01.04.2009.
- VIDAL, M.F.; CARNEIRO, W.M.A. **Cotonicultura nos cerrados nordestinos: produção, mercados e estruturação da cadeia produtiva**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006.

Para consulta aos demais números do **Informe Rural ETENE**, clicar sobre o título desejado pressionando CTRL:

ANO 3 – 2009

Nº1 Jan 2009 – Considerações sobre a Bovinocultura de Corte no Nordeste

<http://d001wwv06/cenetene/projconjecon/docs/746050209.pdf>

Nº2 Fev 2009 – Cenários e Perspectivas para o Setor Agropecuário em 2009

<http://d001wwv06/cenetene/projconjecon/docs/750270309.pdf>

Nº3 Mar 2009 – Considerações sobre o Setor Citrícola no Nordeste Brasileiro: Produção e Mercados

<http://d001wwv06/cenetene/projconjecon/docs/754230409.pdf>